

APRENDER DO POVO A TRABALHAR PARA O POVO



Dois meios de transporte para o milho das machambas para os celeiros: à esquerda a «chileia» feita com base num tronco em V e puxada por bois (sem rodas). Em cima: a conhecida carroça de que só existem cinco na Aldeia. Transporta muito mais, pode ser alugada por cerca de cem escudos para cada viagem de cerca de 10 quilómetros, para ida e volta à machamba.

• experiência de um estudante na Aldeia Comunal de Cubo

A Aldeia Comunal de Cubo, situada no distrito de Massingir, Província de Gaza, foi o local onde uma das Brigadas de Estudantes da Universidade Eduardo Mondlane esteve a desenvolver as suas actividades de férias. Convidado pela «TEMPO», um estudante dessa brigada relata a sua experiência nas páginas que se seguem.

A chegada à Aldeia Comunal de Cubo faz-se normalmente ou às seis e meia da manhã, para quem passou a noite em Massingir, ou cerca das 17,30 horas se se viajar directamente de Maputo. É este o

horário habitual do serviço de carreiras que diariamente serve a aldeia.

Estando a paragem situada na zona central da aldeia e junto à escola e à «casa do professor» é este que acaba por receber e encaminhar todos os visitantes. Além do mais, os professores locais são dos poucos elementos da aldeia que falam português e certamente dos mais esclarecidos politicamente e em matéria geral. Será então de pois de uma conversa com o professor Munguambe (actualmente na aldeia) que a chegada de um visitante será dada a conhecer à estrutura governativa da aldeia ou seja à Comissão Dinamizadora. Ao contrário do que acontece nas cidades e vilas, qualquer visitante ou turista que chegue a uma

aldeia comunal deve apresentar-se imediatamente às autoridades sob pena de ser considerado como agente do Smith. É assim que depois de uma conversa de apresentação com a comissão dinamizadora da aldeia de Cubo, o visitante chegou oficialmente. Na primeira reunião popular, o secretário desta comissão aproveitará para explicar à população quem é este estrangeiro e o que veio cá fazer, assegurando que não se trata de nenhum agente do inimigo. Estando definitivamente aceite e identificado pela população da aldeia, o visitante pode dedicar-se agora a satisfazer a sua curiosidade. Mais facilmente se encaminha para a escola onde, pelo menos, tem a certeza de ser compreendido (quando não fala changana) e inicia a sua integração na vida local, tentando aperceber-se dos problemas enfrentados e participando na resolução e no trabalho diário com os camponeses.

Os problemas enfrentados pela escola e pelos três professores de Cubo são idênticos aos enfrentados a nível nacional: falta de material didáctico, de livros, de cadernos, de lápis ou canetas, falta de quadro, uma grande sala de aula onde se ministram duas aulas simultaneamente, falta de programas que orientem os próprios professores na sua tarefa, todas dificuldades que só com o desenvolvimento do país poderão ser ultrapassadas. Na escola local ministram-se a pré-primária, a primeira classe e a segunda classe, prevendo-se que a situação vá evoluindo conforme os alunos vão transitando de classe. Mas um facto curioso salientado pelo próprio professor, é que as crianças mais novas da pré-primária e da primeira classe estão já mais avançadas que as da segunda classe na sua maioria jovens de mais de 10 anos e alguns perto dos 20. Estes ainda não falam português sabem muito pouco de contas, etc. são por assim dizer «alunos herdados».

Outro pormenor que viemos a descobrir em conversa com os alunos é que a vasta maioria (dos mais velhos) não pensa ficar a

viver na aldeia, mas sim deslocar-se para trabalhar ou em Chókwé ou em Xai Xai. As razões para esta atitude parecem relacionar-se com a vida dos pais que foram todos mineiros na África do Sul e passavam a vida a deslocar-se e a viajar, além de que os pais normalmente pouco se preocupam com o vestuário para os seus filhos. Estes quando sentem necessidade de roupas dão uma escapada até Chókwé onde trabalham algum tempo depois do que regressam. O mesmo acontece quando se regista alguma desavença entre pai e filho. No que respeita às raparigas nada de semelhante se pode esperar. O que acontece é que qualquer rapariga é uma futura fonte de receita e os pais tentam logo a partir dos oito ou nove anos vesti-las bem, de modo a que sejam notadas pelos homens da aldeia e loboladas. Como nos explicou o professor Munguambe, até há pouco tempo era frequente o lobolo de crianças de nove anos de idade que aos dez eram já mães, caso não viessem a falecer durante o parto por falta de cuidados médicos. Ainda hoje isso acontece, mas tudo se passa camufladamente. Nada se sabe mas as coisas acontecem. Para os rapazes, a frequência da escola é ainda problemática. Os pais pensam que mais vale que as crianças passem os seus dias a pastar gado que ir à escola, o que não traz benefícios rápidos ou facilmente discerníveis.

O edifício da escola em si, é tipico, de pau a pique maticado coberto a chapas de zinco com cerca de 12 metros por seis e por dois e meio de altura. Não possui portas ou janelas propriamente ditas mas somente as aberturas onde aquelas se deveriam localizar, sendo portanto bem arejado. Com o passar dos dias começamos a tomar contacto com outros habitantes da aldeia, que averiguamos possuir quatro bairros, contactos esses efectuados durante os nossos «passeios». Do mesmo modo alguns elementos da população começam a visitar-nos ou a pro-

curar-nos, de modo que o processo de integração vai bem e será só uma questão de tempo até que passemos a ser mais um dos habitantes.

Uma das dificuldades que sentimos imediatamente após a nossa chegada foi a falta de água. Estando a aldeia situada no cimo de uma colina que domina o vale do rio dos Elefantes (ou Balulo), o mais próximo local de aprovisionamento de água é o próprio rio, o que quer dizer três a quatro quilómetros. Três a quatro quilómetros com uma lata de vinte litros de água à cabeça não é brincadeira, embora as mulheres locais pareçam bastante práticas no assunto. Existe no entanto no centro da aldeia e próximo da escola (e da casa do professor) um reservatório de água com a capacidade aproximada de 24.000 litros, o que equivale a três viagens do camião tanque que vem de Massingir para o encher. Regra geral, o reservatório é cheio o máximo duas vezes por semana o que dá 50.000 litros a despendir em 8 dias por cerca de 1100 pessoas, ou cerca de seis litros de água, por pessoa por dia, o que é bastante razoável. No entanto, e pelas mais diversas razões, o camião nem sempre chega, reduzindo imediatamente o nível para três litros por pessoa e por dia, o que já é pouco, se se desejar um mínimo de higiene e se pretender evitar a doença, tanto mais que a água do rio tem bilharziose, uma das doenças normais entre as crianças da aldeia. No entanto, este problema está já em adiantado estado de resolução pois durante a nossa estadia foi construído um novo reservatório de água junto ao anterior, mas com uma capacidade de 10.000 litros, que estará ligado por canalização a um poço perfurado há já algum tempo. Só falta neste momento a chegada de uma moto-bomba para que a população tenha água sempre à disposição no centro da aldeia. O poço está também bastante perto da aldeia a cerca de 500 metros do centro.

Cedo nos apercebemos que a maneira mais eficiente de contactarmos com a população, para além de conversas mais ou menos longas, de detectarmos as suas dificuldades, de conquistarmos a sua confiança é trabalhando com os habitantes. Aí surge uma dificuldade imprevista: Não existe produção colectiva na aldeia, o que se pode considerar uma excepção. Como em breve constatamos, não existe na aldeia qualquer tipo de trabalho colectivo. Toda a aldeia foi construída com base no trabalho individual, (familiar). O dilema é rapidamente resolvido pois se verifica que — esclarecem os membros da Comissão Dinamizadora — as machambas individuais se situam no vale do rio dos Elefantes. Ora esse vale está a ser inundado pela subida de água da albufeira da barragem de Massingir. Acontece que algumas machambas se encontram semi-alagadas. Que fazer? A Comissão Dinamizadora (Nomeada há menos de um mês (1), toma a decisão de organizar e apelar à população para que se engaje no trabalho colectivo de modo que, rotativamente e a começar pelas machambas mais ameaçadas, se procedesse à colheita do milho antes da subida da água. Isto porque as machambas de amendoim e um pouco de feijão não estão directamente ameaçadas pelas águas, si



O tocador de «strong», basicamente uma viola de uma corda cuja caixa de ressonância é a boca.



Além do milho guardado em grandes celeiros, também o amendoim é conservado em celeiros mais pequenos, totalmente isolado da humidade por uma camada de estrume de boi.

tuando-se mais próximas da aldeia.

Planos acordados, passa-se à acção. Dito mas não feito. A maioria da população está mais preocupada com a sua própria machamba que com a dos outros e explicam-nos que logo que cada dono de machamba veja que a sua produção foi salva, deixará de participar no trabalho colectivo para «ficar a descansar em casa». Mais tarde verificou-se isto em parte. Desconfiança de um lado desconfiança do outro, a Comissão resolve continuar os seus esforços, quer dizer um máximo de trinta e tal pessoas entre homens e mulheres a trabalhar colectivamente e a entreajudarem-se, o que acaba por se transformar num grupo que vai perdendo força, como previsto, até que os homens deixam de ir e finalmente morre a iniciativa ao fim de umas três semanas. Mas continua a haver mais machambas a ser alagadas diariamente, produção a ser inutilizada.

Um outro pormenor significativo é o do método utilizado para organizar esta actividade colectiva produtiva. Como o local de produção se situa no vale a cerca de seis quilómetros de distância ou 45 minutos de marcha, os participantes saem da aldeia cerca das sete horas começando portanto o trabalho cerca das oito horas avançando-se em linha pela machamba a dentro, colhendo o milho seco. As dez e meia em ponto hora solar, com raras excepções, parava-se o trabalho regressando-se a casa. Tudo parece muito

bem, mas comparando este horário com o de uma família qualquer que trabalhe na sua machamba particular: Saem cerca de 4 horas da manhã, ainda noite escura, ou o mais tarde cerca das seis horas — o sol nasce às seis e meia nesta altura do ano — trabalham toda a manhã até cerca das 11 ou 12 horas altura em que a mulher ou uma das mulheres regressa a casa para preparar o almoço enquanto o resto da família permanece no local de produção até às 13 ou 14 horas.

Este problema da resistência ao trabalho colectivo necessita de ser melhor analisado e perspectivado desde as suas origens num passado colonial. Claro que a sua origem se insere nos hábitos de trabalho adquiridos pela população nos passados quinhentos anos, em que uma característica de salientar é o facto de que só trabalhavam colectivamente quando presos para a construção de estradas e outras obras. Evidentemente é possível que para a população, trabalho colectivo seja sinónimo de castigo, mais uma herança do colonialismo.

Uma das primeiras pessoas que conhecemos na aldeia foi Manuel Siteye, possuidor de um talhão duplo onde mora com um dos filhos, já adulto, com a mulher, e vários netos e filhos pequenos. Estava a construir um segundo celeiro quando o visitámos. Forte e musculoso, com olhar decidido, concentrado no seu trabalho. Vimos a saber que tem 60 anos, esteve muitas vezes na África do Sul, nas minas, e actualmente é campo

nês, trabalhando diariamente com a mulher de nome Marta na colheita do milho. «Penso que o trabalho colectivo é bom, porque as pessoas podem ajudar-se umas às outras», disse-nos numa das nossas visitas ao seu talhão. Verificáramos que esse é um sentimento geral da população, parecendo fácil de pronunciar e difícil de praticar. O velho Manuel Sitoye, tal como sua mulher com mais de 50 anos, leva todos os dias uma vida de trabalho que espanta. Como o

anterior Grupo Dinamizador da aldeia, dissolvido e castigado por bebedeiras constantes, falta de engajamento nos trabalhos de organização e consciencialização da população. O castigo para ele e mais cerca de uma dezena de homens e mulheres foi o de construir a sede do partido da aldeia, o que fizeram a grande velocidade. «Vou ficar o resto da minha vida aqui na aldeia a trabalhar», disse-nos Manuel Sitoye. É esta a atitude geral da população, ho-

uma mulher custa cerca de 15 bois ou 50.000 a 60.000 escudos, etc, etc. Neste momento menos de dez habitantes da aldeia se encontram nas minas. Outro factor é que afinal um homem que possua duas mulheres, vários filhos e filhas ajudados por bois, não necessita de trabalhar na machamba. A sua família dá conta do recado com a maior facilidade. Sendo habitualmente mais operário que camponês, o homem da Aldeia de Cubo, sente falta de qualquer coisa.

LOBOLO, VIDA CULTURAL E "JONAS"

Chega o mineiro da África do Sul, jovem partiu, regressa dois anos depois feito homem. Os primeiros dias na sua casa, na sua terra, passa-os a passear a falar com os amigos a mostrar o que trouxe do «Jhoni», a bicicleta, catana ou o machado, as roupas de trabalho e as roupas domingueiras, a contar o que por lá passou, às dificuldades.

Passam-se os dias, o nosso jovem começa a pensar o que fazer com todo aquele dinheiro que trouxe. Vai pedir conselho ao pai, também antigo mineiro e já experiente nestas matérias. Resolve comprar alguns bois, oferece algum dinheiro aos familiares, e começa a pensar seriamente em lobolar uma mulher. Um homem sem mulher não é homem. Indaga por aqui e ali, o pai encaminha-o, um tio chegado, fala-se naquela rapariga já nos seus quinze anos, o seu pai desejoso de a lobolar. Mas mineiro com dinheiro tem de pagar e bem. São onze bois mais 10 contos em dinheiro, além de roupas e presentes para a noiva.

Tem mesmo de ser, paga-se tudo. A começar por algumas roupas e algum dinheiro avançado para assegurar ou «reservar» a rapariga é o «KUKHOMA» OU «KUGOMA». Dão-se início aos preparativos para que o lobolo ou «KULOVOLU» tenha lugar dois meses mais tarde, pois se requer todo esse tempo para preparar as bebidas a consumir no grande dia, especialmente a bebida conhecida por «BYALA LA SHINTO» só consumida em momentos altos de muita cerimónia e festa. Claro que também se preparam grandes quantidades de tontonto, chicalabiça, chipauane, etc.

Entretanto passa-se palavra a todos os chefes tribais e a todas as famílias que tinham os seus próprios grupos de dança Makuai em toda a zona, para que iniciem a preparação dos seus dançarinos.

Chega o grande dia, o noivo apresenta-se acompanhado da sua família para a entrega do dinheiro que faltava pagar, de roupas para a noiva e possivelmente para a sua família, talvez se peçam um anel ou qualquer outro objecto de ouro (dourado). Esta cerimónia tem lugar durante toda a manhã em casa dos pais da noiva ou seja da mulher que está a ser lobolada.

O programa prolonga-se pela tarde com a apresentação da

dança Makuai por todos os grupos da região, a começar pelo grupo local. Cada grupo é dirigido pelo seu «CHAIHMAN», e o objectivo é escolher «the winner» ou «o melhor» em quanto se consome em grandes quantidades toda a bebida fabricada e guardada para o grande dia. Um após outro, seguem-se os grupos de Makuai cada um esforçando-se por ser considerado o melhor pelos juizes presentes. Escolhe-se já ao anteceder o melhor grupo de dançarinos de Makuai, que é muito aplaudido e conserva a honra até ao próximo lobolo, e é invadido por todos os outros.

Já noite, serve-se uma refeição prosseguindo o consumo de bebidas alcoólicas, começando nesta altura a cair os primeiros bêbados. Bêbados ou não bêbados, todos os convidados têm de abandonar o local da festa, ou seja a casa dos pais da noiva antes da meia-noite, momento em que os recém-casados se vão deitar para a noite de núpcias.

Seguem-se 15 dias ou mesmo um mês de vida despreocupada para ambos em casa dos pais da mulher, depois do que uma grande caravana de amigos e familiares os acompanha para sua casa definitiva, transportando à cabeça em cestos cónicos — chirundzós — os presentes recebidos.

Claro que toda esta tradição deixou já actualmente de ser praticada, pois se desenvolve no nosso país um árduo combate ao lobolo, meio de exploração da mulher moçambicana.

Mas há sempre maneira de iludir as responsabilidades, reduzindo as cerimónias, praticando-as no máximo segredo, ou chegando mesmo a reduzir tudo ao pagamento puro e simples do dinheiro exigido.

Uma das mais graves consequências do lobolo é que um ou dois meses mais tarde, a nova família esgotou já todo o dinheiro trazido das minas pelo homem. Segue-se que falta comprar muitas coisas para a sua casa, e o homem rapidamente se põe a caminho do «Jhoni» em busca de mais dinheiro submetendo-se à mais vil exploração. Ausentando-se por mais dois anos, quando regressa o que não mudou já em sua casa. Certamente tem um filho à espera, a mulher tem muito trabalho para aguentar sozinha a casa, pede-lhe que lobole uma segunda mulher para a ajudar nos trabalhos caseiros, e recomeça o ciclo.

celeiro não está ainda terminado, mas já existe milho amontoado no talhão para ser armazenado, o velho Sitoye dorme todas as noites ao relento perto do milho para que este não seja comido por qualquer boi que por lá passe. Já lhe aconteceu há pouco tempo. Levanta-se às quatro horas da manhã, noite ainda fechada seguindo imediatamente para a machamba sem qualquer matabicho. Dá o seu dia de trabalho por terminado a tarde reservada a trabalhos no talhão pelas 18 horas quando desce o sol. Foi um dos membros do

menos e mulheres, embora nos homens se note uma vontade de se porem mais uma vez a caminho das minas. A razão que se descortina é a falta de dinheiro líquido. Trabalhando na aldeia, todos os seus habitantes têm o suficiente para comer, para viajar de vez em quando até Massingir de carreira, ou mesmo até Chókwé e Xai Xai, mas não possuem as grandes quantidades de notas que traziam da África do Sul e que lhes facilitava a vida. Isto porque um boi custa entre 4.000 e 10.000 escudos, dependendo se for amigo ou não,

De máquinas talvez. Durante a construção de uma latrina, como o terreno fosse um pouco duro de cavar, a conversa foi logo dar às máquinas perfuradoras que poderiam fazer o mesmo em poucos minutos.

Existe igualmente uma grande curiosidade em relação ao tractor. Qualquer família de Cubo possui pelo menos uma charrua e bois para a puxar. No entanto as perguntas caem: «Quanto custa um tractor? — É muito caro. Talvez duzentos ou trezentos contos. Uma só família não consegue ar-

ranjar dinheiro para comprar um tractor.

É verdade, mas o tractor é muito bom. Trabalha bem, depressa...

Pois é, vocês têm que começar a trabalhar em conjunto, produzir muito milho de sobra, vender o milho e ao fim de um ou dois anos podem comprar o tractor.

— Trabalhar assim com a água

plantadas nas colinas vizinhas que serão atingidas pelas águas. Isto em nome dos espíritos dos seus antepassados que são enterados no vale geração após geração, e certamente por não querem deixar as suas óptimas terras de cultivo. Parece ter crescido algum boato na região, que na altura os portugueses queriam obrigá-los a sair da zona para depois

trapassarão a barragem deixando-a para trás e destruindo tudo o que se encontrar no seu caminho. Mas a realidade é outra. A realidade é que já no próximo ano a Aldeia de Cubo terá de enfrentar o problema e as dificuldades que se seguirão ao ter que cultivar novas terras (solo vermelho), bem perto da sua aldeia mas pouco produtivo, onde não se dá o

“CAMARADA SALOMÃO HÁ-DE COMER”

Por várias vezes recebemos convites para almoçar em casa desta ou daquela família. A base da alimentação, dos almoços e jantares (únicas refeições locais), é portanto o milho preparado de diversas formas. Claro que o prato de cada dia, mais ou menos invariavelmente, é a farinha de milho conhecida pelo nome de «usha» ou «vusha» acompanhada por qualquer molho de hortaliça ou outro vegetal (cacana, por exemplo). Isto todos os dias, durante meses e anos, durante toda a vida. Alternadamente e dependendo de várias circunstâncias, come-se uma galinha (ou seja, o homem come uma galinha preparada pela mulher enquanto esta se contenta com a sua ração diária de «USHA»), um pato caçado com armadilhas na albufeira, excepcionalmente um cabrito ou carne de vaca morta e vendida por algum habitante da aldeia a preços muito baixos. Vários bifes por alguns escudos, uma perna traseira completa por 400\$00.

Chegamos a casa de Salomão Ngovene, convidados para o almoço. Presente igualmente o responsável do bairro. Sentados dentro de sua casa, conversamos um pouco até que nos é

depositado em frente (no chão) uma panela contendo um pato a nadar num saboroso molho de tomate silvestre.

A mulher do dono da casa traz-nos em seguida um recipiente com água onde lavamos as mãos, nós e o responsável do bairro. Salomão serve-nos em prato comum um bom pedaço de pato com muita carne, convidando-nos a comer. Iniciamos então a função, mas o dono da casa não come. «Então camarada Salomão, não come?»

— «Come sim, há-de comer».

Claro que a mulher desapareceu entretanto, tendo cumprido a sua tarefa. Certamente não chegará a provar o pato que cozinhou tão bem.

Terminamos a nossa refeição sozinhos e continuamos a conversar um pouco mais, sobre problemas reais da vida na aldeia».

«O camarada Salomão não come? Coma lá!»

— «Há-de comer».

a subir é chatice. Se viesse o tractor acabava depressa».

Mas maiores chatices estão ainda para vir, como bem cedo descobrimos. Desde 1974 que o então Governo de Transição se apercebeu da necessidade de fazer deslocar as populações que viviam no vale do rio dos Elefantes que iria ser alagado pela subida das águas da albufeira da barragem de Massingir. Essa necessidade era já sentida pelos colonialistas, mas não tiveram tempo de pôr em prática os seus projectos.

O plano era então, deslocar as populações para juzante da barragem, onde havia a garantia de boas terras proximidade do rio e respectiva água, quer dizer todas as condições necessárias para um rápido progresso económico e social das populações que para aí se deslocariam. Mas a superstição, o obscurantismo, existiam a ainda existem como factor importante da personalidade local. Logo aconteceu o indesejável: bastantes famílias recusaram deslocar-se para juzante da barragem, preferindo estabelecer o que agora são três aldeias comunais fisicamente im-

se apropriarem das melhores terras. A desconfiança permaneceu mesmo depois da libertação. Por exemplo, quando já depois da independência as estruturas distritais começaram a apoiar os esforços do camponês distribuindo sementes, correu o boato que eram «sementes do administrador» que viria reclamar a colheita na altura própria. Só agora é que o povo local se começa a aperceber do erro cometido, mas há sempre desculpas. Basta dizer que o espírito dos mortos estão zangados por terem sido inundados os seus túmulos pelas águas, para se explicar as dificuldades actualmente atravessadas e as que se prevêem. Quanto à maioria da população que se encontra já estabelecida a juzante da barragem, com excelentes terras cultivadas à porta das suas 17 aldeias em construção, com água em abundância e ali mesmo perto, com pastos igualmente chegados, fala-se entre os que ficaram a montante que a barragem irá desmoronar-se com o peso da água, ou que através de não se sabe que passagens entre montanhas e colinas as águas ul-

milho, actual base da produção local e da alimentação. No entanto, o homem vence todos obstáculos e em Cubo com o apoio das estruturas governamentais e do Partido preparam-se para diversificar as suas culturas introduzindo o algodão e intensificando o cultivo do amendoim, culturas estas que já se dão razoavelmente nas novas terras menos ricas. No que respeita ao milho, é provável que de modo semelhante ao que acontece na vizinha (9 quilómetros) aldeia Paulo Samuel Komkomba, tenham de pensar em termos de cooperativa de produção a vários quilómetros da aldeia, nas terras mais férteis do vale a juzante da barragem.

Uma coisa que nos despertou curiosidade foi a origem do nome da aldeia, CUBO. Indagámos por aqui e ali, e viemos a descobrir que esse é o nome original do antigo régulo da região, que até vive agora na aldeia como qualquer vulgar cidadão. Só abandonou o antigo nome, chamando-se agora Feniassa Ngovene, nome muito vulgar na aldeia. A grande maioria dos seus habitantes são



A Sede do Partido da Aldeia, construída em menos de vinte dias, em fase final de acabamento. Situada no centro da Aldeia, constitui um marco de orientação vislumbrado a grande distância pela sua imponente relativamente às habitações vulgares.

de apelido Ngovene, seguindo-se os Mongwé, os Cubai, Nhate, Cossa, e poucos outros. É muito vulgar que marido e mulheres tenham o mesmo apelido.

Mas voltando ao antigo régulo de Cubo, falámos com ele trocando impressões sobre a sua vida passada. Surpreendeu-nos só possuísse dois bois, poucas galinhas, constituindo o que se poderia qualificar de cidadão mécio, a atirar para o pobre, da aldeia. Contou-nos que em tempos passados teve muitos bois, uma casa grande, bastante dinheiro, recebia salário das autoridades coloniais (cerca dos 2 000\$00) e tributo de todo o mineiro que regressasse das minas sob a forma de uma nota de 100\$00. Aconteceu que veio a FRELIMO e «as pessoas eram invejosas e tiraram-me tudo». Parece que teve já alguma sorte em se sair com tão poucos prejuízos! Casado com uma só mulher, nunca teve outra. Explicam-nos que as mulheres de nome Marta como é a do exrégulo de Cubo, «são más e não querem que os maridos lobolem outra mulher». Perante a resis-

tência da mulher o homem nada pode, sob pena de constantes discussões e zaragatas em casa.

Normalmente acontece precisamente o contrário, ou seja, é a primeira mulher que pede ao marido para que lobe uma segunda mulher para a ajudar no trabalho da machamba, na casa, e mesmo para lhe fazer companhia quando aquele se ausenta para as minas da África do Sul. A segunda mulher por sua vez acabará por necessitar de alguém que a ajude, isto até que se esgotem as posses do marido, ou seja cinco mulheres para os mais ricos, três para os medianamente ricos (embora o recorde na província de Gaza pareça estar em dezassete mulheres!).

Aliás, o actual nome da aldeia, Cubo, não parece trazer quaisquer boas recordações à população, caso verificado também nas outras aldeias, pelo menos a nível do distrito de Massingir. Algumas das aldeias já viram os seus nomes mudados, numa tentativa de iniciar da melhor maneira uma nova fase de vida para estes mi-

lhares de pessoas, livres das más recordações da época colonial, e da sociedade tribal tradicional.

Ergue-se a nova esperança, a revolução está à nossa frente, temos de a agarrar, não a podemos deixar perder-se.

A nova sociedade já se está a organizar na aldeia, que está em fase de criação de estruturas políticas e administrativas, de uma vida social e cultural mais rica e saudável. Começam a surgir os ofícios, com um especialista na construção de latas de 20 litros para acarretar água, sapateiros em embrião trabalhando com restos de borracha de pneu, costureiras e alfaiates, artífices vários, que afinal cada homem tem dentro de si as potencialidades, o trabalho em madeira ainda em fase muito inicial, um pouco de artesanato que neste caso tem a utilidade como factor determinante.